e-books
NÚCLEO DE FORMAÇÃO



HISTÓRIA

A HISTÓRIA DO FEMINISMO #3

COM PROFª. ANA CAMPAGNOLO

BRASIL PARALELO

CURSO

“A HISTÓRIA DO FEMINISMO” #3

COM PROFESSORA ANA CAMPAGNOLO

AULA 03 - SINOPSE

O que aconteceria se as feministas fossem atendidas e suas opiniões fossem legisladas? Nesta aula, a experiência da União Soviética nos deixa um importante ensinamento sobre as consequências de trazer tais ideias para a prática.

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM

Ao final desta aula, espera-se que você saiba: qual a relação do feminismo com o marxismo; o que Alexandra Kollontai defendia e qual forma propunha para alcançar isto; por que o comunismo defende a inserção da mulher no mercado de trabalho; quais as consequências da implementação de uma legislação feminista; quais pautas feministas estão inseridas na realidade brasileira.

BONS ESTUDOS!

BRASIL PARALELO

INTRODUÇÃO

Bem-vindos à terceira aula do nosso curso sobre feminismo. Na aula anterior, nós abordamos a inserção da mulher no mundo do trabalho, como isso se deu de uma forma histórica e quase que naturalmente em decorrência das duas fases da Revolução Industrial, das guerras mundiais, das crises econômicas e da transição do feudalismo para o mercantilismo e, depois, deste para o capitalismo. Ou seja, como a mulher foi se inserindo no mercado de trabalho a partir desses fenômenos e não por pautas políticas ou ideológicas.

No final do nosso último encontro, também mencionamos quais seriam os interesses tanto dos capitalistas quanto dos socialistas ou marxistas nessa inserção da mulher no mundo do trabalho uma vez que, na verdade, ninguém é contra tal inserção. Buscamos compreender, igualmente, de que forma se constituiu o falso tabu de que as pessoas não querem que as mulheres trabalhem. Saliento uma vez mais que os liberais, como é o caso de John Stuart Mill, e os marxistas defendiam sim a inserção da mulher no mercado de trabalho.

Se o foco na primeira aula foi principalmente a revolução sexual e, na segunda, o mundo do trabalho - em que não mencionamos o sexo porque estávamos concentrados nas mudanças econômicas da sociedade relacionadas à esquerda e à direita -, nesta terceira aula voltaremos a falar a respeito de ambos os temas: trabalho e revolução sexual. A libertinagem sexual, o divórcio, o aborto voltam a ser encarados, porque também estão relacionados às pautas de esquerda.

E se, na aula anterior, nossa atenção recaiu mais sobre os liberais, nesta, nos concentraremos somente nos marxistas e socialistas, a fim de identificar qual é o interesse dos comunistas e dos pensadores de esquerda na inserção da mulher no mercado de trabalho. Lembrando novamente que essa inserção aconteceu naturalmente, apesar dos interesses

socialistas e capitalistas estarem se manifestando.

2. MARXISMO E FEMINISMO

O ano de 1848 foi um ano-chave no encontro anterior e será neste também porque foi em 1848, na Alemanha, que Marx publicou o “Manifesto Comunista”. Alguns anos depois, em 1917, acontece a Revolução Russa, composta por duas fases: a primeira, em fevereiro, e a segunda, em outubro. Simultaneamente, em 1920, os Estados Unidos começavam a viver os Anos Dourados, uma fase de ascensão econômica. Nove anos depois, aconteceria a famosa Crise de 1929, momento em que os Estados Unidos e o restante do mundo entram na Grande Depressão. No entanto, os Estados Unidos conseguiram se reerguer, principalmente depois da Segunda Guerra Mundial. Nesse período, são retomados o bem-estar social, o sonho americano, os eletrodomésticos, aquela família da propaganda de margarina.

Portanto, ocorrem algumas transformação no mundo. De um lado, os socialistas estão se cimentando, estão se definindo e estão tomando o poder na Grande Rússia, formando a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. De outro, os capitalistas estão se definindo com a prosperidade dos Estados Unidos, que é um grande modelo. Com isso, teremos esquerda e direita já bem caracterizadas na Guerra Fria.

Conforme havia comentado, nesta aula o tema volta a ser o sexo. Como rapidamente expliquei, esse tema ficou tão mal-falado após a derrocada da Revolução Francesa que caiu em desuso. Por cerca de cem anos, as pessoas deixaram de fazer propaganda do divórcio, do amor livre, do poliamor e etc.. Neste ponto, esse assunto retorna, relacionado às pautas marxistas.

2.1. A UNIÃO ENTRE MARXISMO E FEMINISMO

Em 1884, Engels publicou o livro "A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado". Os textos nele contidos são inspirados principalmente em Marx, homenageando este teórico que já havia morrido na época da publicação. Os textos de Marx estão muito bem representados nesta obra de Engels. Para escrever "A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado", Engels também se inspirou na abordagem sociológica e histórica de Lewis Morgan, que aborda a civilização antiga. Essas são as principais bases teóricas para esse compilado que Engels apresentou para o mundo.

É justamente essa publicação de Engels que marca definitivamente o casamento entre o movimento feminista e o marxismo. Com certeza, a maior parte das mulheres feministas de hoje é também marxista, é de esquerda ou de algo ligado à esquerda. Nós veremos por quê.

Na primeira aula, eu fiz questão de enfatizar e reforçar que o movimento feminista não tem relação com direitos civis, com igualdade jurídica, com direito à herança, à propriedade, a voto, ao trabalho. Todos esses pontos apresentam vinculação com a defesa do liberalismo, de John Stuart Mill, de Von Mises, de Hayek. ***As ideias que realmente marcam o movimento feminista*** – espero que isso tenha ficado extremamente claro em nossa primeira aula – e que agora voltam a ser nosso foco ***são as pautas sexuais ligadas à Revolução Sexual.***

E qual é o conceito de Revolução Sexual? ***A Revolução Sexual é o uso político das fraquezas, dos pecados ou das práticas sexuais, dos desejos sexuais.*** Não se trata de um simples pecado, como cometer um adultério, fornicação ou masturbação, por exemplo. Os pecados são simplesmente pecados e existem desde que o mundo é mundo. O conceito de manipular desejos, impressões, vontades, sensações, fraquezas sexuais com finalidades políticos, isto sim, é a Revolução Sexual e é o que observamos

manifestar-se mais claramente no casamento perfeito entre marxismo e feminismo.

2.2. A FAMÍLIA E A PROPRIEDADE PRIVADA

Quais são as principais teoria de Engels no livro “A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado”? Primeiro, Engels realiza um resgate da história dos grupos matriarcais, buscando responder se tais grupos existiram, onde existiram e como se organizavam. Há muita polêmica em torno da existência de grupos matriarcais, se foram significativos ou não e se seria possível voltar ou não ao matriarcado. Apesar de todas essas questões, é evidente que Engels faz uma defesa dos grupos matriarcais, na qual fica muito claro que todas as civilizações matriarcais citadas como exemplo são primitivas. Em nível de progresso e de civilização moral, tais civilizações são inferiores ao que conhecemos como patriarcado. Nesses modelos matriarcais, vigorava uma economia de subsistência em que as mulheres controlavam a família e a sociedade.

Ao resgatar esses possíveis povos matriarcais, Engels também trata do surgimento da família monogâmica heterossexual e como disso advém o nosso direito pátrio, de patriarcado. O matrimônio é o bem da mater, é o bem da mãe. O patrimônio é o bem do pai. O matrimônio está ligado à criação dos filhos e ao casamento. O patrimônio está ligado aos bens, à representação pública, à representação daquela família na sociedade. Matrimônio e patrimônio, mãe e pai.

Engels explica que as sociedades patriarcais são sociedades opressoras em essência. Para vocês compreender mais seu pensamento, compartilharei alguns trechos do livro. Peço que vocês prestem atenção. Na página 83, consta o seguinte sobre as famílias monogâmicas:

"A família monogâmica nasce, conforme indicamos, da família sindiásmica no período de transição entre a fase média [...] e é um dos sintomas da civilização nascente."

Para a civilização atual, tanto a Ocidental quanto a patriarcal Oriental, a família monogâmica patriarcal é fundamental. Segundo as ideias de Engels, no que esta se baseia?

"[Esta família monogâmica] baseia-se no predomínio do homem. Sua finalidade expressa é a de procriar filhos cuja paternidade seja indiscutível; e exige-se essa paternidade indiscutível porque os filhos, na qualidade de herdeiros diretos, entrarão, um dia, na posse dos bens de seu pai."

Engels constrói aqui uma ligação entre família e propriedade privada. Essa é uma ligação visceral, fácil de compreender. Pense em quanto seus hábitos de consumo se alteram depois que você tem um filho. Antes de sermos pais, várias vezes gastamos nosso dinheiro com consumo supérfluo como, por exemplo, tomar milkshake. Por outro lado, quando nossos filhos nascem, começamos a refletir sobre "O que eu vou deixar para o meu filho? Para quem vai ficar meu capital? Será que meu filho será um bom administrador da minha empresa? Eu preciso ajudar meu filho a melhorar de vida, a fazer uma faculdade melhor que a minha, a ter uma vida melhor que a minha". Começamos a pensar em passar a propriedade adiante. Esta noção é bem visceral, bem instintiva e, segundo a análise sociológica de Engels, entre vários outros argumentos, é o que move o surgimento da propriedade privada e do capitalismo. Toda a opressão que existe no mundo, na cabeça de Engels, é baseada nessa opressão primária, que é a opressão do homem sobre a mulher.

Lógico que todos nós que somos cristãos e/ou conservadores temos outro ponto de vista sobre o casamento. No nosso entendimento, o casa-

mento serve para proteger a mulher e a prole. Comentamos um pouco sobre isso na aula anterior, quando falávamos sobre trabalho. O casamento é uma das formas pelas quais a mulher se torna dona exclusiva da força de trabalho do seu marido. Então, aquele marido que vai pescar, por exemplo, precisa colocar na mesa tudo o que consegue para sua esposa e filhos. Como aqui só teremos tempo de abordar como surgiu a ligação entre o marxismo e o feminismo, sem apontar os contra-argumentos para esta visão, recomendo de antemão as seguintes obras de Chesterton para conhecer a outra perspectiva: “Essencial de Chesterton”; “A Superstição do Divórcio”; “O que há de errado no mundo”. Nesses três livros, Chesterton aborda o casamento, o matrimônio e o socialismo. Esses três pontos nos ajudam a entender essa noção que é quase intuitiva na maior parte dos homens.

Você homem que está nos assistindo e que tem uma namorada. Quando você quer se casar com ela, você pensa: “Eu preciso me casar com essa mulher para que eu possa oprimi-la dia e noite” ou “Quero me casar com ela para fazê-la feliz, para dividir com ela os bens que vou conquistar, para comprar uma casa e um carro para que ela tenha os meus filhos, para que eu passe o meu patrimônio para ela, para que a gente tenha uma família”. Pensem. Você que está nos assistindo, faça a prova real. Por que você está com a sua mulher? Por que você quer se casar com ela? É porque quer oprimi-la ou porque quer protegê-la e dar-lhe estabilidade?

Na primeira aula, já perpassamos essa característica do casamento. William Godwin e Mary Wollstonecraft eram dois difamadores do casamento, adeptos do poliamor. Entretanto, no final da vida, os dois acabaram se casando um com o outro. Eles alegaram que fizeram isso para proteger jurídica e economicamente Mary e o bebê que eles tiveram juntos. Repito isso só para você não sair dessa aula sem qualquer noção sobre os contra-argumentos, os quais também podem ser encontrados nas obras de Chesterton.

Voltemos ao lamaçal da esquerda em que estávamos para entender um pouco mais sobre a relação entre marxismo e feminismo.

Engels afirma que há uma conexão importante entre família e propriedade privada. De acordo com o entendimento dele, as duas coisas mais importantes da sociedade são a produção e a reprodução. A primeira é a produção de bens, a produção de itens de consumo. Essa produção se dá através da força de trabalho e é gerenciada pelo sistema capitalista. Dentro dessa perspectiva, o capitalismo é ruim uma vez que controla e oprime os meios de produção.

A reprodução dos filhos se dá através do sexo e quem controla a este e os filhos é o casamento. O casamento, para a reprodução, é a mesma coisa que o capitalismo para a produção. ***Segundo Engels, tanto a produção quanto a reprodução são bons aspectos, o ruim é a forma como ambos estão organizados. A produção é organizada através da opressão capitalista e a reprodução é organizada através da opressão matrimonial.*** Para que se derrube um desses elementos, qual seja, o capitalismo, é preciso derrubar o matrimônio, o casamento. E, para derrubar o casamento, é preciso derrubar o capitalismo.

Nós veremos como isso está extremamente ligado ao feminismo e por que marxismo e feminismo se sustentam, ajudam-se mutuamente, por que precisam, o tempo todo, dar razões e justificativas um ao outro. Realmente, não dá para destruir a família sem colocar nada em seu lugar. Da mesma forma, não é possível destruir o capitalismo se as famílias continuarem acumulando riqueza. Então, há o dilema que nos explica por que os socialistas querem destruir o capitalismo e o matrimônio ou a família ao mesmo tempo.

Nas páginas 100 e 111 do meu livro, sobre esses manuscritos deixados por Marx e compilados juntamente com outras análises de Engels, está escrito:

“Resumidamente, Marx afirma que os homens primitivos viviam em hordas nas quais havia total liberdade sexual e, portanto, predominava o modelo tendencialmente matriarcal, já que se ignorava a própria procedência paterna.”

Ninguém sabia quem eram os pais daquelas crianças. Engels defende essa sociedade matriarcal em que as mulheres fazem sexo com quem e quando querem e, quando nascem os bebês, ninguém sabe quem é o pai. Por isso, não há razões para ter propriedade privada para deixar aos herdeiros, pois os homens sequer sabiam, dentre as crianças, quais eram seus descendentes.

“Num determinado momento, os machos, pela força física, exigiram fidelidade das fêmeas [...]”

Com isso, chegamos às questões bastante dúbias presentes no livro. Em um determinado momento é algo muito vago. Quando e por que isso aconteceu? Por que antes os homens estavam aceitando uma condição diferente? E pararam de aceitá-la por qual motivo?

“Num determinado momento, os machos, pela imposição da força física, exigiram fidelidade das fêmeas, tornando-as sua propriedade privada, juntamente com os filhos.”

De uma certa forma, há um fundamento, porque o marido fala “minha mulher e meus filhos” e a mulher fala “meu marido”. Contudo, sabemos que a análise proposta por Marx é de que o homem está obrigando a mulher a ser-lhe fiel a troco de nada, apenas por ser um tirano. Nós sabemos que, enquanto existe fidelidade entre o casal e o casal se respeita, eles prosperam juntos, constroem uma família e acumulam propriedade

para passar para os filhos. Afinal, não faria sentido acumular propriedade para passá-la para os filhos de outra pessoa.

"A partir de então, construiu-se o conceito de 'patrimônio' ligado ao pater, do qual decorreu o matrimônio.", do qual mater é maternidade do marido.

"Para Marx e Engels, a família é uma instituição endemicamente perversa, que precisa ser pulverizada para que haja a revolução."

Falávamos sobre produção e reprodução. Como, para Marx, os dois grandes vilões são o capitalismo e o casamento, a família precisa ser destruída para que possa haver a revolução.

"Notem que Marx percebeu que o seu ideal de igualdade era naturalmente inviável e a família era a demonstração disso."

Isso significa que, se deixarmos as pessoas agirem naturalmente, observaremos esse modelo patriarcal, em que homens e mulheres se juntam e acumulam capital.



"Em 2008, Kathleen Parker publicou seu livro 'Save the Males', onde apontava que o movimento feminista havia encontrado uma causa em comum com os comunistas: 'Acabar com a família não foi incidental, e sim fundamental para essa ideologia.".

Quero salientar essa frase de Kathleen Parker: ***acabar com a família não foi um incidente, mas foi um fundamento da união entre marxismo e feminismo.***

2.3. COMO ACABAR COM A FAMÍLIA?

Engels propõe que superemos o patriarcado. Ele está falando sobre tudo isso não visando ao bem-estar da mulher, até porque se trata de um homem, então, não está tão preocupado assim com o bem-estar da mulher a ponto de colocar todo gênero masculino aos pés dela. Engels está afirmando tudo isso com outra finalidade, qual seja, a de reforçar a ideologia, a estratégia e a agenda de poder que defende e esta é a agenda de poder socialista. E, para isso, é preciso acabar com o patriarcado e com a monogamia. Quero citar mais um excerto do livro de Engels, constante na página 97:

"Na família, o homem é o burguês e a mulher, o proletariado."

Uma das características de todas as ideologias de esquerda é separar as pessoas em classes, seja brancos contra negros, heterossexuais contra homossexuais, mulher contra homens, ricos contra pobres. A definição fundamental, primária, dessa divisão de classes é a burguesia, que detém o capital, contra o proletariado, que detém a força de trabalho. ***Para Engels e Marx, a família é como se fosse um espelho do capitalismo, em que o homem é o burguês e a mulher é o proletário.***

Contudo, essa divisão é muito questionável. Quem é o burguês que conhecemos? O burguês é o homem que consome, que gasta. O proletário, por outro lado, é a pessoa que trabalha. Façamos uma avaliação novamente. Você que nos assiste, na sua casa, busque identificar quem trabalha mais e também quem gasta mais. A menos que sua família seja muito incomum, provavelmente, o homem é quem mais trabalha e a mulher, quem mais gasta.

Na mesma página 97, Engels afirma que:

"Então, é que se há de ver que a libertação da mulher exige, como primeira condição, a reincorporação de todo o sexo feminino à indústria social."

Engels está dizendo que as mulheres têm que ser tiradas de suas casas, que é o espaço privado, para que passem a ocupar o espaço público, o espaço social.

"O que, por sua vez, requer a supressão da família individual enquanto unidade econômica da sociedade."

Ou seja, é preciso acabar com a família para que se possa instaurar o movimento socialista.

Há outro trecho interessante de ser mencionado, que está presente na página 99. Nele, há um resumo da estratégia de Engels para a destruição da família:

"Quando os meios de produção passarem a ser propriedade comum [...]", então, acabou a propriedade privada e todo mundo trabalha em uma espécie de cooperativa gigante em que o Estado se apropria de tudo e dividi tudo, realizando reforma de distribuição de renda, reforma agrária e todas as demais redistribuições imagináveis. Há o fim da propriedade privada e todos trabalham conforme suas forças e recebem conforme suas necessidades.

"[...] a família individual deixará de ser a unidade econômica da sociedade."

Cada família apresenta uma certa pulsação econômica e certos interesses presentes. O do pai, é de trabalhar e cuidar da família. Portanto, é uma unidade que compete contra o Estado.

"A economia doméstica converter-se-á em indústria social."

Isso significa que ***tudo que acontece dentro da família – quem compra, quem gasta, onde se gasta o dinheiro, o que se come, que horas as crianças dormem – precisa ser retirado da esfera da esfera da individualidade de cada família para ser coletivizado.***

"O trato e a educação das crianças tornar-se-ão assunto público."

Todas crianças vão ser educadas na escola pública. Quando lemos livros de comunistas como Engels e Alexandra Kollontai, percebemos que várias características desse sonho comunista já estão presentes na nossa sociedade, que é uma sociedade dita capitalista, livre e não-socialista. A escola pública, um ideal acerca do qual falaremos bastante nessa aula, já estava prevista aqui.

"O trato e a educação das crianças tornar-se-ão assunto público; a sociedade cuidará, com o mesmo empenho, de todos os filhos, sejam legítimos ou naturais."

A ideia de Engels era retirar todas as demandas das famílias para colocá-las a cargo do Estado, assim, as mulheres e homens se veriam livres de seus filhos e da dependência mútua. Em outras palavras, Engels está afirmando que: que horas as crianças vão dormir, o que as crianças vão estudar, como as crianças vão se vestir, onde as crianças vão comer, quem vai lavar a roupa, quem vai cozinhar, tudo isso deve ser definido pelo Estado.

3. O FEMINISMO E A REVOLUÇÃO

3.1. Alexandra Kollontai

Este é um prelúdio do que mais tarde, em 1920, uma comunista chamada Alexandra Kollontai vai descrever com detalhes. Como mulher, Alexandra vai devotar mais tempo à causa da mulher e seus interesses e um pouco menos ao comunismo. No livro "O Comunismo e a Família", Kollontai faz um resumo perfeito, o mais fácil de ler e entender, do casamento entre marxismo e feminismo. Alexandra Kollontai toma emprestada essa idéia de



Alexandra Kollontai, Teórica do Marxismo (1872 - 1952)

Engels de que a família é uma entidade opressora da mulher e a trabalha. Existem várias partes do livro em que Kollontai é bastante honesta.

Isso é algo importante de mencionar. Em todos os livros, sejam eles de direita ou esquerda, existem muitas fagulhas de verdade e exposições que descrevem a realidade, até porque, se fosse um livro completamente mentiroso, as pessoas não seriam enganadas por ele. Portanto, todos os livros apresentam descrições verdadeiras de sintomas ou de doenças sociais. Esses livros não são diferentes.

Em seu livro “A autobiografia de uma mulher comunista sexualmente emancipada”, Kollontai comenta um pouco sobre sua vida. Uma das atitudes de que mais se vangloria é ter tido vários namorados, de ter namorado com quem queria, do fato de ter se casado com quem quisesse e ter se divorciado de quem quisesse, a hora que quisesse. Percebam que estamos retornando ao assunto da aula de hoje, que é o assunto do sexo. Alexandra Kollontai, bem como outras feministas, vão citar bastante Mary Wollstonecraft como referência.

Alexandra Kollontai começou suas atividades junto aos bolcheviques aos 28 anos. Ela era bastante amiga de Lênin. Alexandra participou de um evento histórico chamado Domingo Sangrento (1905), em que o czar da Rússia tentou conter revoltosos e matou muitas pessoas. Foi uma desgraça na Rússia. Nessa época, Kollontai já fazia parte do pensamento bolchevique, que é esquerdista radical. Depois disso, ela veio a conhecer Rosa de Luxemburgo e Clara Zetkin.



Rosa Luxemburgo, Filósofa (1871 - 1919)



Clara Zetkin, Jornalista (1857 - 1933)

Ambas são feministas bem importantes. Não teremos tempo para falar delas, uma vez que o curso é composto somente por cinco aulas, mas Luxemburgo e Zetkin são bem importantes e viveram nesse mesmo período. As três, Rosa, Clara e Alexandra, eram amigas. Um tempo depois, quando o czar começou a arrochar a perseguição contra os revoltosos, Kollontai se exilou, circunstância em que deixou os bolcheviques para se tornar menchevique. Bolcheviques e mencheviques são dois tipos de revolucionários. Em termos mais corriqueiros, o primeiro queria matar todo mundo enquanto o segundo só queria bater em todo mundo. Ou seja, havia uma diferença de radicalismo e de moderação entre os dois. No momento do exílio, Kollontai passa a integrar a parcela mais moderada, os mencheviques.

Em 1917, a Revolução Comunista realmente acontece. No seu início, em fevereiro, os mencheviques tomam o poder. No entanto, não prosperam. Achando que a revolução está sendo realizada de forma moderada e a passos lentos, os bolcheviques impetram uma nova revolução em outubro de 1917. Alexandra Kollontai retorna à Rússia e, nesse momento, assume como a única mulher a integrar o Comitê Central do Partido. Kollontai também é a primeira mulher a ser Comissária do Povo, no Ministério para o Bem-estar

Social. De 1923 a 1945, Kollontai assumiu o cargo de embaixatriz. Depois, veremos que, quando Stalin toma o poder, as coisas começam a mudar na Rússia.

Resumidamente, Alexandra Kollontai era muito radical. Vamos analisar alguns trechos do livro dela de 1920, um dentre vários que publicou. ***Kollontai também era bem radical acerca do papel da mulher no Estado. Para ela, a mulher deveria contribuir para o Estado e não para a família. Kollontai também defendia aguerridamente todas as pautas que as feministas defendem hoje, como aborto e liberdade sexual.***

No entanto, quando Stalin toma o poder em 1930 e revoga todas as leis feministas - porque não funcionaram -, Kollontai chega a fazer uma declaração em defesa dele e de seu Estado burocrático. Portanto, Kollontai era muito feminista, mas, quando sua cabeça entrou em jogo, cedeu ao Estamento burocrático, renegando um pouco as pautas feministas, tanto que ela e Trotsky foram os únicos que não tinham sido mortos nessa época.



Leon Trotsky, Revolucionário (1879 - 1940)

Em 1936, quando Stalin começou a fazer as alterações, só sobraram vivos ela e Trotsky, o qual também foi executado em seguida.

Kollontai foi uma das únicas pessoas que sobreviveu desde o governo de Lênin até o governo de Stalin e conseguiu isso porque negociou seus valores feministas para continuar viva. Acerca desse tema - e sobre como os esquerdistas não se entendem entre si -, eu recomendo dois livros: “A Revolução Traída” (1936) de Trotsky e “Mulher, Estado e Revolução” de Wendy Goldman. Este último aborda as transformações pelas quais a Rússia vai passar.

Voltemos ao livro "Família e Comunismo" de Kollontai. Nas páginas 48 e 49, ela explica o que aconteceu no final da biografia dela. Neste primeiro momento, estamos falando somente de Kollontai. Depois, falaremos sobre as ideias contidas no livro. No final de sua vida, Kollontai experimentou a revolução traída, porque as ideias feministas que ajudaram a levar os comunistas ao poder na Revolução Russa foram traídas por Stalin. Stalin fez isso por que era conservador, converteu-se a Jesus Cristo e resolveu defender as pessoas? Não. Stalin fez isso porque aquele modelo defendido pelas feministas como Alexandra Kollontai estava atrapalhando inclusive os próprios comunistas. Na página 48, lemos o seguinte:

"Com a degeneração da Revolução Russa [...]", ou seja, a revolução não cumpriu o que prometeu "[...] Stalin fez retroceder o processo revolucionário de emancipação da mulher e exterminou toda a liderança de 1917."

Lembram que Kollontai era a única mulher? Todo mundo que estava no governo de 1917 foi executado.

"Para se ter uma ideia, em 1939, do Comitê Central do Partido, só restaram vivos Trotsky, Kollontai e Stalin."

Um tempo depois, Stalin matou Trotsky e só não executou Kollontai também porque ela se vendeu para se manter viva.

Kollontai é a grande mentora das ideias feministas do governo leninista. No início da aula anterior, comentei sobre a revolução comunista na Rússia e mencionei que a Rússia era um país economicamente atrasado, que vivia da agricultura de subsistência. Embora outros países já estivessem totalmente industrializados, com telefonistas, secretárias, fábricas de tecidos, a maior parte da população russa era constituída de agricultores. O país era composto por camponeses e não tinha proletariado. Para fazer a revolução do proletariado num país em que este não existia, foi preciso realizar uma manobra muito grande.

3.2. O FEMINISMO POSTO EM PRÁTICA

De qualquer forma, ***a revolução aconteceu em 1917 e Lênin assumiu o governo. Como era muito amigo de Alexandra Kollontai, Lênin utilizou as ideias dela e realmente as colocou em prática.*** Está escrito o seguinte:

"A Revolução Russa estabelece as medidas mais avançadas e socialmente mais modernas e progressistas que jamais tinham sido implantadas por qualquer Estado Capitalista, por mais avançado que fosse. A Revolução Proletária foi quem mais levou a sério e em profundidade medidas em favor da libertação da mulher. Esse mérito jamais poderá ser arrancado da Revolução Proletária de Lênin, Trotsky e dos bolcheviques."

Isso quer dizer que as ideias mais loucas sobre liberdade sexual, como divórcio facilitado e legalização do aborto, foram postas em prática quando Lênin chegou ao poder. Veremos isso mais adiante.

Gostaria de esclarecer que, durante nossas aulas, faremos a leitura de vários autores de esquerda, para que vocês possam ver que essas ideias não estão sendo inventadas por mim, pois estão todas presentes nos livros. Na página 107 do meu livro, lemos o seguinte:

"Depois da Revolução [1917], foram votadas todas as leis possíveis para libertar o indivíduo das amarras da família."

Lembram que o Lênin dizia que era preciso destruir a família? É isso.

"Liberalização do casamento e do divórcio, contracepção e aborto autorizado, sobretudo, mulheres e crianças escaparam do controle econômico do marido".

Esta é uma referência que faço ao livro “Política Sexual” (1970) de Kate Millett, sobre o qual comentamos na primeira aula. ***Em “Política Sexual”, temos a noção clara de que o feminismo não é outra coisa senão a revolução sexual. O excerto acima foi retirado do livro dela. Millett está nos contando que foi através da liberação do divórcio que o feminismo conseguiu ser colocado em prática na revolução comunista.***

Neste ponto, acho pertinente inserir um escrito de Lênin, que é o primeiro ditador da União Soviética. Em 1920, Lênin fez um pronunciamento que está presente no livro “Pão e Rosas”. Nesse pronunciamento, dirigindo-se às mulheres, ele disse o seguinte:

“O poder dos sovietes é o único que aboliu pela primeira vez todos os privilégios que se mantinham ligados à propriedade em proveito do homem no direito familiar.”

O homem casa com a mulher, então tem direito sobre a mulher por causa da herança, por causa dos filhos. O que o Lênin está nos dizendo? Lênin está dizendo que isso foi abolido no Estado comunista.

“Mesmo nas repúblicas burguesas mais democráticas não há isso.”

Então, para os socialistas, estavam sendo super-modernos.

“Ali, onde há propriedade privada de terras capitalistas e comerciantes, não pode haver igualdade entre homem e mulher.”

Percebam o sonho de Lênin, que tentará colocá-lo em prática em um ou dois anos. ***Uma vez que Marx, Engels e Kollontai defendiam isso, Lênin se propôs a acabar com a submissão da mulher ao homem acabando com vários aspectos da propriedade privada, tornando as coisas públicas e liberando a mulher para fazer sexo com quem quisesse, para usar métodos contraceptivos, para abortar quando quisesse, por qualquer motivo, e também para casar e se divorciar quantas vezes quisesse.***

O que acontece quando a mulher é inserida no mercado de trabalho? Numa sociedade capitalista, como nós vimos na aula anterior, acontecem todas aquelas dificuldades. Uma mulher, às vezes grávida, e até crianças, tem que trabalhar dez, doze, quatorze, dezesseis horas. A situação de trabalho das operárias era horrível. Além disso, vimos que, se a situação de uma mulher é ruim, a de seu marido é sempre pior e que, com o tempo, para as mulheres, começam a surgir empregos mais leves, como telefonistas, secretárias, recepcionistas. Isso numa sociedade capitalista.

Na sociedade comunista, por outro lado, existia pouca variação entre bons e maus empregos, porque era um país atrasado e que precisava produzir muito. Ao mesmo tempo que precisavam da agricultura pujante, precisavam produzir nas poucas indústrias que existiam e aumentar o número destas.

3.3. O ESFACELAMENTO DA FAMÍLIA

Em seu livro, a própria Alexandra Kollontai comenta como era difícil a vida da mulher que foi inserida no mercado de trabalho. Há pouco, comentei como todos os livros, até mesmo os esquerdistas, sempre relatam a realidade em algum aspecto, e é exatamente isso que acontece neste livro de Alexandra Kollontai. Quando uma feminista lhe disser que existe o direito de trabalhar e que ser inserida no mercado de trabalho é algo bom, você precisa lembrar desse trecho. Isso é uma feminista falando sobre como era trabalhar, sobre qual era esse direito de trabalhar. Vejamos o que ela diz:

"Hoje em dia, desde as primeiras horas da manhã até soar a sirene da fábrica, a mulher trabalhadora corre apressada para chegar ao seu trabalho. À noite, de novo, ao soar da sirene, volta correndo para a sua casa para preparar a sopa e cuidar dos afazeres domésticos indispensáveis. Na manhã seguinte, depois de breves horas de sono, começa novamente, para a mulher, a sua pesada carga. Não pode, portanto, nos

surpreender o fato de que, devido a essas condições de vida [...]".

Essas condições são boas ou ruins? São evidentemente ruins, Alexandra Kollontai está reclamando. Qual é o direito de trabalhar aqui? É o direito de acordar cedo, sair de casa, se matar de trabalhar, voltar cansada, fazer uma sopa, dormir, acordar e fazer tudo de novo. Alexandra Kollontai está reclamando.

É lógico que, graças a essas condições ***"[...] se desfaçam os laços familiares e a família se dissolva cada vez mais.".***

Neste cenário, há cada vez menos tempo das mães com suas suas crianças, do marido com sua esposa, pois todos estão cansados de trabalhar. Ela prossegue:

"Pouco a pouco, vai desaparecendo tudo aquilo que convertia a família em um todo sólido, tudo aquilo que constituía as bases da família. A família é cada vez menos necessária aos seus próprios membros e ao Estado. As velhas formas familiares se convertem em um obstáculo."

Percebam o quanto é verdadeiro o que Kollontai afirma tanto no começo quanto no final. Quanto mais a mulher trabalha, quanto mais mulheres assalariadas, mais as famílias vão se desestruturando. Não há uma compatibilidade na relação entre pais e filhos, pois está todo mundo trabalhando, está todo mundo cansado. Tudo isso é parte da nossa realidade.

Eu comecei a trabalhar com dezesseis anos. Você, talvez, também. Na rotina de trabalho, você cansa, você não consegue nem estudar. Você chega em casa com fome, faz sua janta e vai dormir porque, no outro dia, é tudo de novo. Isso é realidade, as mulheres realmente sentem isso.

É preciso atenção aqui. Qual o problema do que a Alexandra Kollontai está dizendo? Ela percebe que o trabalho assalariado está afetando a família e que, com isso, a família vai acabar sendo destruída ou esfacelada pelo trabalho da mulher, principalmente naquela sociedade um pouco mais atrasada. Ou seja, Kollontai nota que a família está em derrocada. Con-

tudo, em vez de pensar em uma forma de resgatar a família para que todos voltem a viver bem, pensa em uma forma de acabar com a família de vez. O objetivo é exterminar a família de uma vez para que a mulher possa se dedicar plenamente ao mercado de trabalho.

Nessa rotina que descreveu, a mulher passa horas e horas trabalhando, chega em casa cansada e ainda precisa cuidar dos afazeres domésticos. ***Na cabeça da Alexandra Kollontai, a pior parte do dia da mulher é fazer sopa para os filhos e não ter de trabalhar doze horas no emprego.*** Isso mostra a forma como enxergava as coisas. Então, ***para que a mulher não precisasse fazer a sopa no fim do dia, convinha acabar de uma vez com a família, com a estrutura familiar, com o cuidado dos filhos, para que assim a mulher pudesse trabalhar mais ainda para o Estado.***

Nós já comentamos isso ao longo deste curso. No que todas essas pessoas estão pensando, sejam liberais, sejam socialistas? Essas pessoas não estão pensando no que faz a mulher mais feliz, no que ela quer, no que a realiza, mas sim em como utilizar a sua força de trabalho com uma finalidade, seja capitalista, seja socialista. ***Com os conhecimentos aqui presentes, fica bem claro o que Alexandra Kollontai quer: usar a mulher para reforçar o poder, a força, a pujança do Estado comunista.***

Como isso será feito? Isso será feito de duas formas. A primeira é o divórcio. A segunda, a assistência social. Na página 18 do livro de Kollontai consta que:

"Em virtude do decreto do Comissário do Povo de 18 de dezembro de 1917 [...]" ou seja, apenas dois meses depois da revolução comunista na Rússia "[...] de agora em diante, a mulher poderá obter o divórcio dentro do período de uma semana.".

3.4. O DIVÓRCIO E A ASSISTÊNCIA SOCIAL

A facilitação do divórcio foi a ideia genial que teve.

Vamos pensar juntos. Essa mulher operária, pobre, acorda todos os dias de manhã e vai para a fábrica trabalhar. Quando chega em casa, por volta das 20h, está cansada e ainda precisa fazer sopa para marido e filhos. Depois, dorme. No dia seguinte, ela acorda e faz tudo novamente. Qual a solução para a vida dessa mulher? A solução para a vida dessa mulher é mandar o marido embora. No entanto, não dá para fazer isso, porque, se antes eram duas pessoas para cuidar das crianças, agora será só uma.

Parece, na minha opinião, que a vida da mulher operária piorou. Também parecia isso para Kollontai. Então, o que ela pensou? ***Ela entendeu que não era possível divorciar essa mulher do marido e deixá-la sozinha para cuidar da criança. Isso seria um outro fardo. Neste ponto, entra a forma número dois: a assistência social. O Estado vai ocupar o lugar do marido.***

Antes da Revolução Industrial, o marido era responsável por dar à mulher segurança, proteção, dinheiro, subsistência, enfim, sustentá-la e dar as condições de tempo para que cuidasse dos filhos e da família. ***Alexandra Kollontai quer retirar o marido de cena, fazendo com que os homens não estejam mais presentes na família. E quem vai ocupar o lugar do homem é o Estado, é o poder estatal. É o Estado que agora vai dar para essa mulher toda assistência que antes o marido lhe dava. Como o Estado vai fazer isso? Através de uma infinidade de serviços sociais e de serviços públicos.***

Nas páginas 41 e 42, Kollontai nos fala um pouco sobre isso:

“O que assusta algumas mulheres, particularmente aquelas que consideram o marido como um provedor [...]”

Imaginem: essa mulher que já trabalha, tem filhos para cuidar, tem que fazer a sopa, tem que bater ponto na empresa e ainda vai perder o marido? Olha o que Alexandra Kollontai diz aqui: o que assusta as mulheres é que consideram o marido como um provedor.

"[...] essas mulheres não compreendem que devem se acostumar a buscar esse sustento, essa provisão em outro lugar, não na pessoa do marido, mas no Estado."

Olhem só. Eu, você, nenhuma de nós sabe o que é bom para a nossa vida. Ela está dizendo: as mulheres não compreendem o que é bom para a vida delas. Eu é que sei. O bom mesmo, eu vou propor agora, que é nós tirarmos o marido e colocar no seu lugar o Estado. Eu fiz questão de ler tudo no livro dela para que vocês vejam que são palavras das próprias feministas. Ela diz o seguinte:

"A mulher, na sociedade comunista, não dependerá do trabalho do seu marido, dos seus robustos braços como fonte do seu sustento.", "Acabará a incerteza sobre a sorte dos filhos.".

Para onde vão os filhos? Quem vai cuidar deles? Não tem marido, também não tem incerteza sobre os filhos. Por quê?

"Porque ***o Estado comunista assumirá todas as responsabilidades. O matrimônio ficará extirpado de todos os elementos materiais, de todos os cálculos de dinheiro que constituem a repugnante mancha da vida familiar no nosso tempo.".***

O que ela está nos dizendo aqui? Você que é mulher, veja com muita calma isso. ***Ela não está prometendo para você que você será independente ou que você será livre. Ela está apenas dizendo que você vai trocar uma dependência por outra.***

E isso já acontece com as nossas mulheres. Por mais que nós não estejamos numa sociedade comunista, hoje, a maior parte das mães solteiras é extremamente dependente da assistência do Estado. Se as creches, que são uma assistência do Estado, forem fechadas, essas mães não conseguem viver, não conseguem trabalhar, não têm como se sustentar.

Portanto, Kollontai não está dando à mulher independência financeira e liberdade para fazer o que quiser. Só se está trocando a dependência de um marido, que a mulher em questão escolhe, por um governante, seja ele Presidente da República, Governador, Prefeito, enfim, pelo Estado, que será escolhido pela maioria e não por essa mulher.

Então, a mulher está trocando um marido pelo Estado e este lhe dará a creche, a lavanderia, o restaurante púbico. Na perspectiva de Alexandra Kollontai, dentre os itens que o Estado precisa prover para a mulher, não é suficiente o acesso à escola pública. A mulher também precisa de lavanderia pública, restaurante público e um local em que possa deixar as crianças para dormir. Isso significa que a mulher não precisa se preocupar com nada. Basicamente, a mulher dá à luz ao filho e lhe entrega para o Estado.

3.5. OS FILHOS NA PERSPECTIVA COMUNISTA

Cabe a pergunta: por que a mulher deveria ter esse filho? Porque ***o Estado comunista precisa das crianças para serem os soldados e trabalhadores no futuro. Não é possível abolir a procriação. Então, o Estado comunista vai apenas "tirar" as crianças. No livro de Kollontai, há várias referências às crianças como sendo um problema. As crianças são vistas como um problema que atrapalha a mãe trabalhadora. Por isso, a mãe tem que colocar os filhos em segundo lugar, delegá-los ao Estado, para que tenha mais tempo para trabalhar.***

Perceba, você que é mulher e está assistindo, o quanto isso é anti-natural em você. No final das contas, tudo que nós fazemos, se nós trabalhamos mais, se queremos melhorar, se temos filhos, é por eles, é para fazer mais bem a eles. Aqui, Alexandra Kollontai inverte essa lógica. Você precisa dispensar seus filhos para poder trabalhar mais para o Estado. Que tipo de pessoa prefere o Estado aos seus próprios filhos?

Na página 106 do meu livro, há uma descrição do que está englobado nessa assistência social que a mulher vai receber.

"Já não existirá mãe oprimida com o bebê nos braços. O Estado dos trabalhadores [ou seja, o país comunista] se encarregará da obrigação de assegurar a subsistência de todas as mães, estejam elas casadas ou não. Instalará por toda parte casas de maternidade e organizará, em todas as cidades e em todos os povoados, creches e instituições semelhantes, para que a mulher possa ser útil trabalhando ao Estado.".

Prestem atenção. Não é para que a mulher possa ser feliz, não é para que a mulher viva melhor, não é para o bem-estar da mulher, não é para que a mulher busque a sua vocação. É para que a mulher - você - possa ser útil ao Estado. ***Interessa aos comunistas que a mulher seja inserida no mercado de trabalho não por ser mais feliz assim, mas porque a mulher que trabalha produz para o Estado comunista, que precisa concorrer com o Estado capitalista.***

Veja que sonho, você que é mulher. Não é seu sonho ficar longe dos seus filhos para passar o dia inteiro trabalhando para o governo? É uma maravilha. Além de tudo, além de liberar a mãe para que possa passar o dia inteiro trabalhando, Kollontai também sugere que a escola não transmita aos seus filhos os seus valores - até porque, você não os terá mais ao vender todos em troca da assistência estatal -, mas sim a doutrina comunista. Kollontai diz isso com todas as palavras, não está disfarçado. Na página 38 de seu livro, está escrito:

“Educadores inteligentes converterão a criança em um comunista consciente da magnitude da norma social essencial: solidariedade, camaradagem, ajuda mútua e devoção à vida coletiva.”

Nas páginas 34 e 35, Kollontai também descreve como serão essas escolas e essa família:

“Ainda teremos que lidar com o problema dos filhos.”.

Vejam: filho é problema. Você já ouviu isso em algum outro lugar, não é? Inclusive, há uma jurista brasileira chamada Deborah Duprat que, em um debate com Miguel Nagib, afirmou: “As crianças não são problema dos pais, são problema do Estado”. Isso é importante para que vocês percebam como essas ideias da Alexandra Kollontai, lá de 1920, passados cem anos, estão imperando.

Continua:

“No que se refere a essa questão, o Estado dos trabalhadores se lançará em auxílio à família.”.

O governo vai ajudar as famílias. Como? A ajuda que o Estado dará às famílias é a de substituí-las, exterminá-las gradualmente.

“A sociedade tomará conta de todas as obrigações que antes recaiam sobre os pais.”.

Hoje, isso já acontece de muitas formas. Você talvez conheça aquela família ou aquela mãe que espera absolutamente tudo da escola. Aliás, o que as nossas escolas menos fazem é transmitir conhecimento objetivo. Há psicopedagogos, professor de educação física, professor para explicar por que o aluno deve ou não usar drogas. Todas as pautas morais, de religião, de escolhas para vida, são pautas na escola. Há até profissionais para escovar os dentes das crianças e acompanhamento do Conselho Tutelar, a fim de averiguar se o seu filho está sendo agredido ou não. O Estado assumiu

todas as responsabilidades que deveriam ser dos pais que verdadeiramente amam os seus filhos. Isso já acontece em muitos lugares.

"Sob o sistema capitalista, a instrução dos filhos deixou de ser uma obrigação dos pais. O filho aprende na escola e, quando o filho entra na idade escolar, os pais respiram aliviados."

Esse é o plano comunista de reprodução do modelo capitalista, em que as pessoas se livram dos seus filhos, como se as mães dissessem: "Meu filho está na escola, graças a Deus".

"Quando chega esse momento, o desenvolvimento intelectual deixa de ser um assunto de incumbência dos pais.".

O Estado vai assumir absolutamente todas as tarefas da família, da cozinha e da lavagem de roupas até a educação moral.

Existe um filósofo francês chamado Louis Althusser. Em suas obras, Althusser definiu que o Estado tem dois tipos de ação: a repressiva e a ideológica.



Louis Althusser, Filósofo (1918 - 1990)

A ação repressiva se dá através da força. Por exemplo: as polícias, o Exército, os tribunais, os gulags são forças de repressão que usam a violência. Existem também as forças ideológicas. É o caso da propaganda comunista, que é muito comum. A propaganda comunista era muito forte. Está presente em obras de artes, em cartazes, etc.. Aliás, a propaganda é forte tanto no lado comunista quanto no capitalista. E ***a mais importante de todas as ferramentas dessa ação ideológica do Estado é a escola. A escola serve para convencer as crianças e os futuros cidadãos de como devem se comportar e qual é o formato, o modelo ideal de Estado.***

Não foi somente Alexandra Kollontai que abordou esses temas. Trotsky, também. Aliás, estou utilizando o livro de Kollontai que é um modelo do pensamento dela, mas quase todas essas ideias são baseadas no pensamento de homens. Portanto, não estamos falando de um feminismo feito por mulheres. Não se trata de um movimento de mulheres fortes e empoderadas. Nós estamos falando de resquícios, de restos de teses ligadas a Marx e a Engels.

3.6. TROTSKY E O FEMINISMO

Como eu comentava, Trotsky também se debruçou sobre esse assunto. Na página 79 do seu livro "Trotsky e a luta das mulheres", consta uma entrevista que concedeu em 1932, quando já era inimigo de Stalin, na qual o entrevistador lhe questionou:

"Os sovietes expropriaram a alegria e a infância e converteram a educação em um sistema de propaganda bolchevique?"

O que Trotsky disse?

"A educação mundana, levada adiante pela República Francesa, está impregnada até os ossos de propaganda. Ninguém pode negar que a educação fornecida às crianças soviéticas também é propaganda. É verdade que não se diz nada para as crianças soviéticas, por exemplo, sobre o Pecado Original [...]".

Neste ponto, Trotsky discorre sobre o fato de não ensinarem valores morais, de terem abolido a religião, o fato de tentarem ao máximo tornar essas crianças materialistas.

Na página 88, há uma continuação desse pensamento.

Quando perguntado:

"É verdade que o sistema soviético ensina as crianças a não respeitarem os seus pais?"

Trotsky respondeu:

“Realmente, a educação soviética diminui a autoridade das velhas gerações, inclusive dos pais.”

Ou seja, o Estado soviético está ali para diminuir a autoridade dos pais.

“Quando os mestres ensinam, por exemplo, a teoria de Darwin, a autoridade dos pais [como aqueles que ainda acreditam em Adão e Eva] obviamente está destinada a declinar.”

Em outras palavras, Trotsky está dizendo que o Estado soviético não está preocupado com o que pensam os pais, que sua educação é propaganda comunista mesmo.

“As crianças que se baseiam na autoridade da escola são geralmente crianças melhor armadas para lutarem contra seus pais.”

Assim, ***você dá à luz a um filho, mas o Estado o toma para si e vai utilizá-lo e doutriná-lo através da propaganda comunista, para que sirva a esse mesmo sistema.***

“Isso acontece frequentemente nas famílias que se opõe às tarefas do novo regime. A maioria dos pais proletários se resigna à perda da sua autoridade paterna.”

Aqui, Trotsky está dizendo que, na Rússia, a maior parte dos pais já aceitou essa condição. Eles entregam o filho para o Estado e abandonam a autoridade paterna. No entanto, alguns ainda resistem.

Tudo isso está ligado à questão feminista. Por quê? Como? Porque é preciso retirar as crianças da tutela do pai e da mãe para que se possa instaurar a revolução comunista.

Na primeira aula, já mencionamos essa escola pública, que é compulsória. Ainda não existia Marx, não existia comunismo, não existia liberalismo, nem sequer o capitalismo como o conhecemos hoje, mas a Mary Wollstonecraft já havia dado um estalo, lá no protofeminismo, de que a escola pública seria fundamental para o movimento feminista, e o é.

A escola pública é fundamental para mulher feminista para que essa possa ser divorciada, para que possa ser mãe solteira com mais facilidade, tornando a figura do homem cada vez mais obsoleta dentro do quadro familiar que, agora, será composto somente pela mãe e pela criança ou, às vezes, por duas mães e uma criança. Enfim, é uma configuração familiar em que o homem possa ser descartado a qualquer momento.

Outra característica importante, que começa em 1920 e perdura, é o fim absoluto dos afazeres domésticos. Afinal de contas, tudo isso que o Estado está oferecendo para a mulher - creche, lavanderia, etc. - é com uma finalidade: acabar com o trabalho doméstico.

No final da aula anterior, compartilhei que, para John Stuart Mill, as mulheres deveriam ter liberdade para escolher quais tarefas querem, afinal de contas, pode ser que exista alguma mulher que queira ser dona de casa. Então, é preciso deixar essa possibilidade aberta como uma alternativa.

Por outro lado, para o regime comunista, essa alternativa não deve existir. As mulheres não devem ter essa possibilidade porque, mesmo que você seja uma feminista super-empoderada que está inserida no mercado de trabalho, que vive sua vida de forma independente, que não depende de homem para nada e tudo mais, se houver outras mulheres em casa cuidando de seus filhos, estão atrapalhando a revolução. Mais do que isso: se essas mulheres estiverem amando e cuidando de seus maridos, estarão dando a esse homem uma maior condição de competir no mercado de trabalho, pois fazem com que esse homem seja mais forte, tenha mais garra, mais vontade, mais determinação e mais condições de crescer no mercado de trabalho do que a mulher feminista.

No mercado de trabalho, a mulher feminista vai competir com homens e estatísticas já comprovam que, se esses homens tiverem ao seu lado mulheres que os respeitam, que colaboram, terão mais chances de angariar sucesso, tendo inclusive uma condição emocional melhor. ***Para***

o movimento feminista, não basta que algumas mulheres possam trabalhar, é necessário que o trabalho da mulher em casa seja abolido.

Quero compartilhar com vocês trechos de um outro livro chamado "O Outro Lado do Feminismo" (2015), que foi escrito por Suzanne Venker e Phyllis Schlafly, duas ativistas conservadoras. Esta última inclusive faleceu recentemente. Infelizmente, é difícil de encontrar essa obra, porque a editora que a publicou aparentemente fechou as portas e não estão sendo feitas novas cópias. Phyllis Schlafly foi uma militante conservadora que lutou contra a Emenda dos Direitos Iguais. Ou seja, ela não queria direitos iguais, como aposentadoria e servir o Exército. Phyllis Schlafly foi uma ativista conservadora que compartilhava com as mulheres que as pautas feministas não são legais. Nesse livro, encontramos algumas declarações sobre Simone de Beauvoir. Na página 69, Phyllis Schlafly descreve da seguinte forma o pensamento de Beauvoir:



Simone de Beauvoir, Filósofa
(1908 - 1986)

"Aquelas mulheres que querem criar os seus próprios filhos, em vez de terceirizar a tarefa contratando ajuda, são o ponto principal da discórdia das feministas com as mulheres americanas. As feministas não desejam que as mulheres queiram ficar com os filhos, pois isso estraga o plano de mudar a sociedade. Em 1976, o símbolo feminista e marxista francês, Simone de Beauvoir, foi tão ousada a ponto de dizer que: 'Nenhuma mulher deveria ser autorizada a ficar em casa e criar os seus filhos'"

O pensamento de Alexandra Kollontai também estava sendo publicado por Simone de Beauvoir em 1949. Na página 194 do livro, há mais um trecho importante sobre isso, em referência a uma obra da feminista Betty Friedan.

Nós ainda não chegamos à segunda onda, que será abordada em uma das próximas aulas, mas Betty Friedan é contemporânea à Simone de Beauvoir. As duas são feministas da mesma época e pertencem à segunda onda. Beauvoir publicou seu livro em 1949 e Betty Friedan, na década de 1970. O livro dela se chama "A mística feminina". Esse título é uma forma de contestar o argumento de que as mulheres têm as suas próprias preferências ou de que há um jeito feminino de viver ou, ainda, que as mulheres podem preferir uma coisa e não outra. Olhem o que Betty Friedan escreveu:



Betty Friedan, Ativista
(1921 - 2006)

"As donas de casa são desmioladas e sedentas por coisas. O trabalho doméstico ajusta-se na perfeição às capacidades das mentes débeis das raparigas.".

Betty basicamente está dizendo que toda mulher que é dona de casa é débil mental e incapaz. E é isso que as feministas pensam. As feministas desprezam o trabalho doméstico. Não sei como faziam diante de suas próprias avós, mas elas têm um desprezo enorme por isso. E não só um sentimento de desprezo. ***As feministas precisam que o trabalho doméstico seja abandonado pelas mulheres, que estas queiram abandoná-lo, para que a revolução feminista possa ser impetrada.*** Betty Friedan também escreveu sobre o ódio que tinha à vida doméstica, inclusive ao próprio marido, ao qual acusou injustamente de violência doméstica, dentre outros problemas que todas as feministas têm.

"No livro 'Mística Feminina', ela [Betty Friedan] afirmou que a devoção de uma mulher ao marido e aos filhos é um sacrifício de tanta grandeza que atrasa o crescimento da mulher como um indivíduo. 'Criar

filhos' declarou Betty Friedan 'é uma ocupação ingrata que não permite que as mulheres usem a sua inteligência'. Betty Friedan não reconhecia a vantagem econômica de qualquer sociedade de quando as mães, por puro dever ou amor, executassem a tarefa maravilhosa de criar bebês para se tornarem adultos.".

Todas essas pessoas estão ignorando um fator muito importante, no qual ninguém pensou: será que as mulheres não querem agradar seus maridos, amar seus maridos, ter uma família e cuidar dos seus filhos? Todo entendimento que estamos vendo, presente em Marx, Engels, Kollontai, Friedan, é um entendimento de viabilidade econômica, de como libertar um coletivo de mulher, mas ninguém pergunta à cada uma dessas mulheres o que de fato querem, o que lhes interessa. ***Através dessa conjunção de divórcio, em que o homem sai de casa, e assistência do Estado, o plano comunista pretende abolir a família tradicional como a conhecemos e colocar, em seu lugar, a dependência ao Estado.***

Na segunda aula, compreendemos um pouco a visão dos liberais a respeito da inserção da mulher no mercado de trabalho. Neste, entendemos o pensamento marxista sobre isso. Vimos que pouco se fala sobre vocação, sobre preferência das mulheres, sobre o que elas querem realmente fazer e muito se fala sobre questões econômicas.

Para falar disso com vocês, trouxe um livro muito engraçado e interessante. O livro chama-se "Crítica à tolice feminina" (2001) e foi escrito por Agenita Ameno, uma brasileira formada pela Universidade Federal de Minas Gerais. Às vezes, eu acho que o livro é socialista, às vezes, que é feminista. Até agora, não entendi o que esse livro é, mas há alguns excertos muito verdadeiros que falam sobre qual é o interesse que existe em inserir a mulher no mercado de trabalho. Compartilharei com vocês alguns trechos que estão entre as páginas 24 e 27. Ameno nos diz o seguinte:

“A maioria dos atuais discursos de libertação feminina e todas as tentativas de nos fazer acreditar que emergiu, no século XX, uma nova mulher, cujo brilho resplandecerá nos horizontes do terceiro milênio, são artifícios socialmente arranjados e remontados, assim como tem sido, e continuará sendo, o corpo feminino. Quando o capitalismo começou, as mãos das mulheres interessavam à produção [...]”

Ninguém estava interessado na mulher feliz. A mão de obra feminina era interessante. Então...

“´Quando o capitalismo começou, as mãos das mulheres interessavam à produção, mais do que o talento feminino, era o que interessava para produzir os infindáveis bens que a imaginação industrial compunha em sua orquestra produtiva.”

Tanto liberais quanto comunistas estão querendo usar a força de trabalho da mulher, não estão pensando em seu bem-estar.

“A mulher não largou suas tinas de lavar roupa e suas foices de cortar a plantação impulsionada por uma súbita consciência das limitações em que vivia.”

As mulheres não pensaram “Ó, como sou medíocre, vou buscar algo mais profundo”, não foi isso que aconteceu.

“A mulher foi empurrada pelo motor da História cuja engrenagem era formada por uma classe de homens burgueses com sede de expansão.”

Neste ponto, Ameno está fazendo uma crítica ao capitalismo, mas nos diz, em outras palavras, que conquistar o direito de trabalhar não tem relação com o movimento feminista, e sim com as mulheres sendo necessárias na produção.

Nas páginas 26 e 27, ela continua:

“Ao contrário dos homens, as mulheres não fizeram nada. Se avaliarmos o potencial que as mulheres têm para realizar mudanças sociais e

se compararmos as suas realizações, digo e repito, as mulheres não fizeram absolutamente nada ou, pelo menos, nada que efetivamente tenha contribuído para melhorar o mundo ou as próprias vidas."

Não sou eu que estou dizendo isso, é a Agenita Ameno. De repente, o pessoal vai cancelá-la depois, mas isso não é problema meu. Ela continua:

"O sedutor amante, chamado mercado de consumo [...]" é isso que está trazendo as mulheres para o mercado de trabalho, é o desejo de comprar bens. Não tem relação com satisfação.

"Foi por isso que as portas das empresas industriais, comerciais e serviços se abriram à mulher.",

ou seja, por questões capitalistas, consumistas e de produção.

"Expandir a atuação feminina também é expandir o mundo capitalista, tentar quebrar o gelo que impedia o Capital de avançar."

Agenita está fazendo uma crítica ao capital, provavelmente por ter um ponto de vista mais esquerdista. No entanto, essa mesma crítica se aplica ao que estamos vendo sobre os comunistas e em relação àquilo que falam sobre as mulheres. Os comunistas querem inserir a mulher no mercado de trabalho não só para que consuma. Eles vão além. Eles querem também destruir os seus laços familiares para que a revolução seja impetrada.

3.7. AS CONSEQUÊNCIAS DA REVOLUÇÃO FEMINISTA

Como conseguimos ver no livro da Agenita, são muitos interesses circundando a questão da mulher no mercado de trabalho. E nós temos algumas experiências, alguns fatos, fenômenos e períodos históricos em que essa mulher realmente trabalhou, os quais podemos citar como uma forma de compreender tanto essa atuação do marxismo, quanto a atuação da mulher no mercado de trabalho.

Então, vamos voltar para a Rússia. Estávamos falando da Alexandra Kollontai e da liberação feminista que promoveu quando era "ministra" da

mulher e da família no governo leninista.

Em 1917, o primeiro avanço progressista que Alexandra Kollontai conseguiu foi acabar com o casamento religioso e criar o casamento civil. Ou seja, o casamento não é mais sagrado, não tem mais a ver com Deus, com religião, é apenas um contrato que pode ser firmado com diferentes pessoas. Em 1918, é estabelecido o Código do Casamento, da Família e da Tutela. Em 1920, o divórcio é liberado e, depois, o aborto.

O que aconteceu nessa Rússia em que há a legislação feminista e as mulheres estão cansadas por trabalharem o dia todo na fábrica? Parece o sonho das feministas: uma mulher que trabalha exaustivamente para o Estado e a família toda esfacelada. Quais foram as consequências disso?

Para responder a essa questão, vamos retomar alguns livros esquerdistas, para que vejamos, através das obras deles próprios, qual o resultado, na União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, da legislação feminista aliada à mulher assalariada.

O primeiro trecho que quero compartilhar com vocês foi publicado em 1923. Isso significa que fazia apenas cinco anos que a revolução socialista tinha começado. Apesar do pouco tempo, a URSS já estava um caos. Trotsky precisa explicar como a revolução que prometeu, tão maravilhosa, está nessa situação horrível. Na página 24 do livro "Trotski e a luta das mulheres", ele mesmo diz o seguinte sobre os resultados dessa política feminista:

"As vítimas, em todos os casos, são os filhos e as mães. Por outro lado, é comum, em conversas privadas, escutar queixas sobre a decadência moral, da juventude soviética. Nestes protestos, nem tudo é exagero, existe sim certa verdade no que se diz."

O próprio Trotsky admite que as vítimas, ou seja, as pessoas que mais estão sofrendo depois da legislação feminista, da mulher assalariada, do divórcio e do aborto, são os filhos e as mães. Mais, ele diz que

a própria juventude, que normalmente não tem muita coisa na cabeça, está reclamando da decadência moral da Rússia. Há aqui um quadro de decadência absurdo. Vejam o que está acontecendo com as famílias: jovens reclamando; mães solteiras, filhos infelizes. Na página 26, Trotsky dá um exemplo de como a família foi destruída:

"O marido é comunista. A mulher não se importa com política. O marido está absorvido pela sua tarefa. A mulher dedica-se somente a cuidar do lar. Vivem em paz, fundamentalmente, por causa do distanciamento habitual. Porém, o comitê do marido resolve que as estátuas religiosas e domésticas devem ser jogadas fora. O marido está disposto a obedecer, mas a esposa acha isso uma catástrofe. Um fato aparentemente tão intranscendente mostra o abismo que separa as mentalidades das nossas famílias entre homem e mulher. As relações entre os sexos se deterioram, a família se desintegra. Poderíamos multiplicar até o infinito esses exemplos de tragédias domésticas que terminam da mesma maneira [com a desintegração da família]."

O próprio Trotsky está afirmando que as famílias estão desestruturadas, que há desmoralização. Até aqui, ainda estávamos falando sobre os cinco primeiros anos do regime. Há a degeneração familiar, os jovens e as mães estão infelizes. Vinte anos depois, quando já estava exilado, Trotsky é questionado por um entrevistador acerca do incesto. Na página 82, está escrito:

"É verdade que o incesto não é considerado uma infração criminosa?"

Trotsky responde:

"Preciso admitir que esse assunto nunca me interessou.".

O governante máximo do país estava desinteressado em saber se os pais estavam fazendo sexo com seus próprios filhos. Ele complementa:

"Me inclino a sustentar que, neste campo precisamente, a intervenção jurídica pode fazer mais mal do que bem."

Em outras palavras, Trotsky está dizendo que pode fazer mais mal do que bem criminalizar o incesto. Ele termina falando sobre a situação das crianças, que estão abandonadas, algo que veremos em outras obras, inclusive feministas.

"O retorno às relações fundadas sobre o dinheiro leva inevitavelmente a um novo aumento da prostituição e da infância abandonada. O grande número de crianças abandonadas é indiscutível, é a prova mais trágica e incontestável da penosa situação em que estão as mães. Até o otimista da Revista 'Pravda' se vê forçado a amargas confissões sobre esse assunto: o nascimento de um filho é, para muitas mulheres, uma séria ameaça."

Em inúmeros trechos de seu livro, ***Trotsky afirma que, depois dessa legislação feminista, a Rússia está acabada.***

Kate Millett fez um compêndio com uma reavaliação do movimento feminista em que pontua claramente que este é um movimento de revolução sexual. Millett abarca toda a história, desde Mary Wollstonecraft e o protofeminismo até o feminismo de segunda onda, do qual é contemporânea. Nessa passagem, Millett cruza a história da Rússia e reclama do que está acontecendo lá. Quero compartilhar um trecho porque são palavras de uma feminista falando sobre as consequências de uma legislação feministas em um país comunista. Na página 166, Millett nos diz o seguinte:

"Na prática, a nova liberdade sexual foi, em grande parte, apanágio dos homens. Muitos fatos tendem a provar que, em certos planos, a situação das mulheres piorou durante os primeiros decênios da revolução e que foram bastante exploradas do ponto de vista sexual. A grande massa das mulheres dificilmente podia aproveitar como os homens essas novas liberdades sexuais.".

O sexo foi liberado para todos e todo mundo pode fazer o que quiser. Mas, quem disse que as mulheres querem e sabem aproveitar isso?

"A grande massa das mulheres dificilmente podia aproveitar como os homens essas novas liberdades sexuais. As ideias radicais das feministas e dos revolucionários como Kollontai foram refutadas e censuradas em público."

Os próprios comunistas, a própria população de um país como a União Soviética estava reclamando dessa legislação e dessa flexibilização.

3.8. O RETROCESSO DAS PAUTAS FEMINISTAS

Com esses resultados desastrosos, foi necessário tomar uma atitude. Antes, mencionei que Stalin não é bem-quisto pelas feministas. Stalin pensou que ou fazia algo com as mulheres, com a legislação feminista, ou o Estado comunista, a União Soviética ia sucumbir. Era preciso adotar alguma medida. Não era possível deixar crianças abandonadas, prostitutas nas ruas e aquele número de divórcios absurdo.

Vamos olhar rapidamente a obra da Wendy Goldman. Escolhi essa obra por ser esquerdista, justamente para mostrar como as próprias feministas reconhecem em que situação estava a União Soviética. Na página 104, lemos:

"As crianças usavam os mesmos trapos sujos por meses a fio. Seus corpos estavam cobertos de chagas. Era inútil pensar em qualquer esquema educativo neste pesadelo. As crianças não faziam absolutamente nada. Os mais velhos jogavam cartas, fumavam e bebiam. As meninas de 16 e 17 anos se entregavam à prostituição."

Ela continua, na página 294:

"Muitas mulheres [as próprias mulheres comunistas!] falavam diretamente contra a união livre [...]".

Essas mulheres comunistas começavam a reclamar dessa legislação feminista.

“Muitas mulheres falavam diretamente contra a união livre, insistindo que deveria ser estabelecido um número limite de divórcios.”

As mulheres estavam pedindo que pelo menos limitassem o número de divórcios, desesperadas.

“Uma operária têxtil disse: ‘meu pedido às outras mulheres trabalhadoras é passar um decreto que termine com o casamento em série’.”

Uma mulher trabalhadora da limpeza escreveu uma carta para o governo pedindo ajuda:

“Nós precisamos restringir o divórcio, porque ele está deteriorando a Rússia e a mãe.”

As mulheres estavam desesperadas com essa legislação, pois não conseguiam desfrutar dela ou, talvez, nem quisessem. É possível que, em algum momento, as feministas parem para pensar que nem todo mundo quer sair por aí se divorciando toda hora. É preciso contabilizar isso.

Vamos para uma revista de esquerda, a revista Cult, nº 220. Na página 42, há comentários sobre a situação da Rússia, em que as mulheres estão trabalhando e vigoram leis feministas.

“Tais registros teriam tornado a vida mais fácil para as mulheres da burguesia, porque ela podia comprar os novos serviços e frequentar os novos restaurantes [...]” Lembram que o Estado vai oferecer tudo? “Mas as mulheres trabalhadoras e pobres descobriram que essa vida não era tão boa: jornada dupla de trabalho: no espaço público, onde auferiam remuneração, e, no espaço privado do lar, onde continuavam a exercer as atividades domésticas sobrecarregadas.”.

Mesmo que o Estado tenha prometido creche, lavanderia, isso não funcionou, pois esbarravam em circunstâncias reais. Na página 41, o escritor da revista de esquerda nos diz que os ideais feministas e marxistas estavam

com um obstáculo. Qual obstáculo? Circunstâncias reais. A realidade da vida das pessoas não estava permitindo que aquela fantasia se cumprisse.

"A família, especialmente nas áreas rurais que viveram um processo de coletivização, se manteria como refúgio para crianças, velhos, mulheres e todos os tipos de desvalidos."

Depois de tanta propaganda, da destruição da família, de uma vida liberal, apenas aquelas pessoas que, no fim das contas, continuaram com as suas famílias, os agricultores que não se deixaram influenciar por exemplo, apenas essas pessoas tinham refúgio, um lugar para ter paz, para ter apoio quando alguém ficava doente, quando uma mulher precisava de ajuda, quando um idoso ficava enfermo, quando uma criança precisava de cuidados.

Para quem ainda havia mantido a sua, as famílias acabaram se mostrando o único refúgio. E foi aí que Stalin teve que voltar atrás, pois percebeu que não era possível deixar a Rússia da forma como estava. ***Stalin voltou atrás em absolutamente tudo. E o primeiro ponto em que o governo comunista voltou atrás, arrependido de ter liberado, é,*** vejam só, aqui nas páginas 167 e 168 do livro da Kate Millett:

"O segundo plano quinquenal de Stalin proibiu, em 1936, o aborto nos casos de primeira gravidez. Costuma-se dizer que, nesta ocasião, Stalin consultou pela última vez a opinião pública."

Stalin era um ditador mesmo, ainda mais severo do que Lênin, então não discutia mais com a população. Ele fez só o que achava certo:

"Em 1944, o aborto foi inteiramente abolido da Rússia.". As mulheres não podiam mais abortar. Os comunistas chegaram a essa decisão porque isso não funcionou.

"E a ajuda a uma mulher para abortar tornou-se passível de dois anos de prisão." Se alguém ajudasse uma mulher a abortar, estava passível a ser

condenado a dois anos de prisão.

Stalin implementou uma reforma moral radical, pois foi a única alternativa que encontrou para tentar fazer a Rússia não sucumbir economicamente. Obviamente, Stalin também não estava preocupado em fazer as pessoas felizes, ele só não queria que a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas falisse, fazendo com que perdessem a Guerra Fria contra os capitalistas. É preciso que o Estado seja pujante e, para isso, como não funcionou a política de aniquilar com as famílias, foi necessário ressuscitá-las. E aí o que ele vai fazer?

"O aborto foi a primeira etapa, mas não foi a única das atitudes reacionárias. A legislação reacionária também tinha proibido a homossexualidade."

Você que é marxista, que é homossexual e que hoje anda com a camiseta dos comunistas, saiba que a pena para quem fosse homossexual era de até oito anos no regime comunista.

"A educação de Stalin voltou a ser antissexual. Fizeram-se todos os esforços para perturbar, desviar, abafar a sexualidade dos jovens."

Optaram pelo contrário. Decidiram não mais incentivar o sexo livre e cada um fazendo o que quisesse. Eles resolveram atrasar a vida sexual, propagar que não era preciso sexo precoce, que não era preciso sexo irresponsável.

"As escolas progressistas, como o Jardim de Infância Vera Schmitt, que tentava educar as crianças sem inibições sexuais [...]" eu não quero nem imaginar o que era, em 1930, uma escola ensinando crianças sem inibição sexual. Se isso apresenta relação com pedofilia e aborto, eu não sei.

"Essas escolas liberais foram fechadas a pedido das autoridades. ***Em 1935, uma nova lei voltou a atribuir aos pais a responsabilidade pela educação e o comportamento dos filhos."***

As pessoas voltaram a ser responsáveis pelos seus filhos. Foi o fim da escola pública mandando em tudo.

"A ideologia soviética comunista anunciou que a união sexual [a união entre um homem e uma mulher] deveria ser fecunda [gerar filhos] e durar uma vida toda."

Está quase igual ao catecismo isso aqui. Um casamento indissolúvel e que gere filhos.

"Sexo e família, sexo e filhos passaram a ser novamente sinônimos e o governo também passou a encorajar a autoridade paterna ou a autoridade dos pais sobre os filhos. A nova lei de 1936 sobre o divórcio tornou-o passível inclusive de multa".

A parte mais engraçada dessa reviravolta é que Stalin criou um dispositivo legal de acordo com o qual as pessoas eram multadas por confundir paixão com amor. Você ia lá para se separar da sua mulher e alegava que queria se divorciar porque não gostava mais dela. Nessa situação, a pessoa pagava 200 rublos de multa, porque havia confundido paixão com amor. Na verdade, essa parte interessante, e até cômica da legislação, era só para demonstrar como até o divórcio estava sendo desincentivado. Não era só o aborto, o assassinato de crianças. Até o divórcio, até enviar as crianças para a escola pública, como se fossem um estorvo, estava sendo desincentivado. Então toda aquela legislação feminista que nós vimos, que aliou marxismo e feminismo na prática, sucumbiu, porque os resultados foram desastrosos.

E aqui nós encerramos mais uma vez com aquela mesma conclusão de sempre: em que estão os interesses de todos esses escritores liberais

e marxistas? Em quem estão pensando? Na estratégia, na agenda política-partidária, na estratégia de poder do regime deles ou na verdadeira satisfação da mulher? Quem fala sobre o trabalho da mulher hoje está falando da satisfação dela, da felicidade dela ou apenas de incluí-la no mercado de trabalho para que isso tenha um reflexo econômico macro ou micro?

Nós estamos praticamente encerrando essa aula. Na nossa primeira aula, nós falamos sobre a revolução sexual nos seus primórdios. Na segunda, falamos sobre a mulher sendo inserida no mercado de trabalho e o ponto de vista do John Stuart Mill como representante dos liberais. Agora, na nossa terceira aula, estamos vendo por que e como o movimento marxista manobra e precisa do movimento feminista para concluir a revolução socialista ou a revolução marxista.

Na próxima aula, vamos concluir o pensamento da primeira onda do movimento feminista falando sobre as consequências dessa inserção da mulher na vida pública. Essa mulher, que antes estava no privado, agora vem para público de duas formas: trabalhar fora de casa, nas indústrias, como secretária, como telefonista, como vendedora, essa mulher que nós conhecemos hoje, que atua publicamente, e ela vai vir também para a política. Por isso, na nossa próxima aula, vamos conseguir falar um pouco sobre a questão do sufrágio e do direito ao voto. Teremos que voltar nessa questão do trabalho para demonstrar como está relacionada à inserção da mulher no espaço público em si, seja através do trabalho, seja através da política.

Se você quiser adiantar um pouco do contra-argumento, para chegar na próxima aula com isso na ponta da língua, vou citar os livros que usei lá no começo dessa aula como um contraponto. Os três livros do Chesterton - “Essencial de Chesterton”, “A Superstição do Divórcio”, “O que há de errado com o mundo” - apresentam um ponto de vista completamente

diferente de todos que vimos aqui, tanto dos liberais quanto dos comunistas, dos marxistas. O Chesterton começa a pensar sobre o que realmente faz a mulher feliz, sobre o que as mulheres querem. Aliás, ele não gosta de usar essa expressão “as mulheres”. Não existe esse coletivo de mulheres. Ele começa a pensar o que parece ser comum entre várias mulheres e do que cada mulher individualmente pode gostar, pode querer fazer. Ele se questiona: por que será que uma mulher se sentiria mais satisfeita trabalhando numa fábrica de alfinetes, que é um trabalho maçante, repetitivo e, aparentemente, sem vocação, do que se tivesse tempo e condições de passar suas tardes, seus dias com seu filho, com seu marido, com sua casa, com as coisas que são suas ou desenvolvendo sua própria intelectualidade ou qualquer coisa assim? Enfim, são algumas reflexões que o Chesterton vai deixar para nós e que estão nessas obras dele, nas quais não vamos nos aprofundar, mas que você pode pessoalmente buscar para estar preparado para nossa quarta aula.